

Maria Amélia Chaves foi a primeira mulher em Portugal a entrar num mundo até então reservado aos homens – a engenharia. Formou-se em 1937 em Engenharia Civil, no IST, e inscreveu-se na Ordem no ano seguinte. Confessa que chegou à engenharia por influência do pai, engenheiro militar, e porque o gosto pela construção lhe ditou o caminho desde cedo.

No entanto, o sucesso profissional que viria a conhecer, apesar do contexto profissional altamente masculinizado, deveu-se a conceitos tão ricos como: espírito lutador, inconformismo, personalidade forte e muita coragem. Coragem, inclusivamente, para projectar prisões e para, mais uma vez de forma pioneira, colocar nos seus projectos preocupações relativamente a acções sísmicas.

A “Ingenium” quis conhecer a história de vida de uma mulher que em Janeiro completa 96 anos, muitos deles dedicados à engenharia.

Foto: Paulo Neto



Maria Amélia Chaves

A primeira engenheira portuguesa

Texto Marta Parrado

Porque razão decidiu estudar? Ir para a universidade? E escolher uma área que era completamente de cariz masculino?

Na minha altura estudava-se até ao 5.º ano, que era geral, e no 7.º já havia especialidade e eu escolhi Ciências. Depois, não me lembro bem a que propósito me veio a ideia de ir para o Técnico. Talvez mesmo por não haver nenhuma mulher engenheira, porque eu sou assim, um bocado “atrevida”... Deve ter sido esse desafio. Já se vê que entrei logo em luta... mas tive sorte porque os professores eram óptimos e compreensivos. Depois o meu pai também me ajudou imenso. Ele era Oficial do Exército e acompanhou-me muito no curso, foi sempre um grande protector e tenho a impressão que a ideia até foi dele. Na altura éramos dois a entrar, mas o outro acabou por não entrar, e o meu pai ainda disse que sozinha também não devia ir. Mas eu disse-lhe que “agora é para ir até ao fim”. Concorri ao Técnico e entrei.

Mas quando diz que entrou em luta foi em que sentido?

Eu sei que lá houve uma grande barafunda.



Maria Amélia Chaves quando entrou para o IST

Eu soube por uma pessoa amiga que eles estavam a pensar chumbar-me no exame de admissão.

Os professores?

Sim, sim. Fizeram uma reunião de propósito porque nunca tinha lá havido nenhuma mulher, e eu compreendo que tivessem analisado o assunto. Mas depois resolveram ser leais e eu entrei porque também tive sorte

no exame, correu-me bem. Se eu tivesse tido qualquer falha não entrava mesmo, mas como correu tudo bem... o meu irmão teve pouca sorte e só entrou no ano seguinte. Até foi bom ele não ter entrado comigo naquele ano porque podia haver cenas de pancadaria....

Então?

Aquilo foi um bocado difícil de aceitar uma mulher no curso de Engenharia. Eu tive várias lutas. Por exemplo, naquela altura havia uma revista (de teatro) em que aparecia uma personagem chamada Amélia numa cena qualquer. E eles serviam-se disso. Quando eu passava, um grupo dizia “Oh Amélia!” E o do outro lado respondia “Uhhh”. E sabe o que é que eu fazia? Eu ia logo ter com eles e perguntava-lhes qualquer coisa, por exemplo onde é que estaria o contínuo Sequeira? De maneira que desarmava-os um bocado, porque não me intimidavam, enfrentava-os.

Eles esperavam que não os enfrentasse...

Sim, sim, mas eu sou lutadora, gosto de luta.

E os seus colegas de turma?

Esses eram grandes amigos. Os mais velhos, dos 3.º e 4.º anos, é que eram os que queriam luta.

Nunca sentiu discriminação?

Não, nunca senti, nem da parte dos professores.

Mas era suposto ir para Química?

Era. A ideia era ir para Química, mas um dia o Professor Mira Fernandes perguntou-me assim: "então diga lá a menina para que curso quer ir?", "Para Química!", respondi. E ele voltou a perguntar: "Mas gosta de Química?", e eu disse que não. "Então e porque é que vai para Química?", "Porque disseram que era o mais aconselhado para mim". "Ora essa, então a menina teve a coragem de vir até aqui e agora está a acobardar-se? Tem que seguir a sua vocação". Foi ele que me disse isto. Porque não calcula a confusão que foi quando me inscrevi em Civil. Isto foi no 3.º ano, porque os dois primeiros eram gerais.

E porque é que diziam que Química era o mais aconselhado para si?

Porque estava ligada aos laboratórios, mais de senhora, mais de cozinha... Mas não gostava da área de Química, eu gostava mesmo era da construção.

E fez o curso sempre sem problemas?

Sim, sem problemas e acabei com média de 13,5 valores, não é mau, mas não é extraordinário, mas, enfim, nunca chumbei.

E o momento de ingressar no mundo do trabalho? Como foi?

Eu fui logo fazer tirocínio na Câmara Municipal de Lisboa, senti que era o melhor. E na Câmara também queriam que eu estivesse mais no Gabinete do que ir para as obras, mas isso não me interessava nada porque eu queria mesmo era ir para a rua, para junto dos operários. Tive que fazer um pedido ao Presidente da Câmara, ao Eng.º Duarte Pacheco, e queixar-me que os meus superiores não me deixavam ir para a rua. Mas disseram-me: "Ó menina, veja lá, depois a menina anda lá em cima e os operários cá em baixo". "Eu arranjo um traje especial, não se aflija", respondi eu. Depois veio uma ordem do Presidente para me deixar ir para a rua. E foi ótimo. Mas era engraçado, quando eu chegava às obras os operários perguntavam-me: "o que é que a menina quer?".

E o que eu fazia era trabalho de fiscalização. Agora o que acontecia é que a Câmara fiscalizava, mas acabava por ser uma coisa fictícia, porque, soube mais tarde, os engenheiros da Câmara iam lá ver a obra e, quando saíam, os operários tiravam as armações todas. Nunca

imaginei, se eu soubesse tinha feito as minhas partidas... voltava a seguir... Mas nem me passava pela cabeça uma coisa dessas, porque isso é criminoso. Era a ignorância... também nós não deveríamos ser chamados por eles (donos de obra) para ir ver a armadura, devíamos era cair de repente na obra.



Maria Amélia Chaves e os seus colegas no último ano de Engenharia Civil, 1937

Ainda propus isso, mas era um pouco revolucionário e não foi aceite... ainda propus porque sentia que havia qualquer coisa que não corria bem...

Por outro lado, os engenheiros que concorriam com projectos para a Câmara queixaram-se de mim, porque eu era um pouco rigorosa. E o Duarte Pacheco dizia: "então o que é que se pode fazer? Pelo amor de Deus, é uma menina! Vocês tenham vergonha, agora homens a queixarem-se de uma menina!"

Como é que se apresentava quando chegava a uma obra?

Vestida de mulher, embora com um traje especial.

Mas como é que se dirigia aos operários?

Eles já me conheciam. Um dia cheguei a uma obra e ouvi gritarem uns para os outros: "Olha, ela já cá está, já apareceu". Comecei a ser conhecida. Sabe que os operários, quando os engenheiros se interessam pela obra, eles gostam disso, sentem que o seu trabalho é valorizado. E eu interessava-me muito. Quando eu saía da obra, eles já sorriam para mim e acompanhavam-me.

Nunca se sentiu minimizada pelo facto de ser mulher?

Não, nessa altura já era aceite. Sabe, eu interessei-me muito pelo assunto, e quando temos interesse, quando lutamos e sabemos o que fazemos, somos aceites.

Como é que conseguiu conciliar a vida profissional com a pessoal?

Não foi nada difícil. Naquele tempo era fácil

encontrar boas empregadas domésticas, o que me permitia ter alguma liberdade para me dedicar um bocado à profissão. Nunca houve dificuldades. Depois o meu pai era o primeiro a incentivar-me. Eu, inclusivamente, fui para engenharia civil porque ele me incentivou, ele era todo moderno, era uma pes-

soa muito inteligente, muito culta, muito lutador e, portanto, ajudou-me imenso. Depois, quando eu saí da Câmara, é que ele se afligiu um bocadinho, porque não sabia o que é que eu iria fazer.

Porque entretanto decidiu sair da Câmara e seguir a profissão de forma liberal...

Sim, sim.

E o que é que a motivou a tomar essa decisão?

Foi o facto de eu gostar muito de obras, era isso que me atraía, e na Câmara fartava um bocadinho porque passava a vida a rever o trabalho dos outros. Eu cansei-me disso e um dia pedi a demissão.

O que é que fez a seguir?

A seguir fiquei em casa. Mas tive a sorte de um arquitecto que trabalhava muito para a Câmara e que era uma pessoa muito séria, me ajudar imenso e me dar muitos trabalhos a fazer. Depois nunca mais parei. Então fazia cadeias, calcule, projectos de prisões.

E quais é que fez?

Várias pelo país. Fartei-me de trabalhar para as cadeias, se os ladrões me descobrissem...

A sua vida pessoal não se desenvolveu mais tarde do que a das suas amigas pelo facto de ter decidido continuar a estudar?

Bom, casei-me com 28 anos, depois de formada. Nisso o meu pai era muito engraçado, tinha muito medo que eu começasse a namorar e que não terminasse o curso, pelo que me dizia: "Tu não podes namorar Maria Amélia,

não podes namorar”. Mas depois, quando me viu formada e sem ter namoro ficou um pouco assustado e então dizia-me: “tu tens que pensar em casar”. Mas eu queria era viver a minha liberdade.

Qual foi o trabalho de engenharia que mais gostou de fazer?

Isso não lhe consigo dizer, porque foram tantos. Eu trabalhava na construção civil, mais especificamente na construção dos prédios, a minha especialidade foi essa. E sabe que na construção civil há uma diversidade enorme de coisas, desde as estruturas, às argamassas, tudo...

No entanto, talvez haja um prédio que eu adorei fazer porque foi muito engraçado: foi um prédio de uma empresa do Estado, na Rua Castilho. E essa empresa, por decisão do seu Director, comprou um andar que tinha uma profundidade enorme. Mas entretanto veio uma lei que obrigava a aumentar o logradouro, o que implicava diminuir a profundidade e ficar com menos espaço no andar. Coitado do Sr. que se tinha metido naquilo, via-se a braços com um enorme prejuízo que estava a causar ao Estado

com a aquisição que fez, porque tinha comprado para fazer uma determinada coisa e iam ter um prejuízo enorme. De maneira que eu resolvi fazer de novo o prédio completo. O que é que eu fiz? Aproveitei a fachada, não deitei a fachada abaixo, e fiz dentro tudo por aí acima com o pé-direito mais baixo que o original, de maneira que aparecia o chão a meio das janelas... Claro que os engenheiros que fiscalizaram perceberam, mas como tinham confiança em mim, porque eu não costumava fazer asneiras, fecharam os olhos, mas perceberam perfeitamente, ora se havia uma laje que ia até ao meio da janela! E depois do prédio todo feito deitei a fachada abaixo e fiz nova fachada. Essa foi muito engraçada. Se fosse um particular eu não fazia, mas como era para o Estado e era um funcionário que ficava em “cheque”... Acho que fiz muito bem.

Sei que foi a primeira pessoa de engenharia a desenvolver cálculos anti-sísmicos. Tendo esse feito proporcionado que participasse



Maria Amélia Chaves com a sua primeira filha, por volta de 1950

como relatora no 1.º Congresso dos sismos, em 1955. O que é que a levou a ter essas preocupações de conceber projectos com cálculos anti-sísmicos?

Já não me recordo bem, mas era lógico, uma vez que estávamos numa zona sísmica... E eu fazia os cálculos e não tinha máquina de calcular, era tudo com régua de cálculo. Para a questão dos sismos, fazia-se com

experiências, a pouco e pouco...

Quando se formou fez um estágio no Gabinete do Eng.º Arantes e Oliveira, o pai, que foi o primeiro director do LNEC...

Fiz e foi estupendo, foi melhor que o curso todo de engenharia.

Era a única pessoa que trabalhava no gabinete com ele?

Sim.

Mas ele é que a convidou?

Não, eu é que escolhi.

E ele aceitou...

Aceitou. Era um pouco indelicado se não o fizesse. Lembro-me claramente de um dia ele entrar no meu gabinete e dizer-me assim: “esta confusão que vai na sua secretária vai, com certeza, na sua cabeça”. Ele não fazia rascunhos, fazia logo de forma definitiva. Era muito organizado. Eu aprendi mais lá do que nos 3 anos no Técnico. Era uma pessoa fantástica.

Porque é que diz que aprendeu mais lá do que no Técnico?

Aprendi mais nesse aspecto de organização, de arrumação da cabeça, de métodos de trabalho. Ele próprio dizia: “Rascunhos não se fazem. Você tem que ter confiança em si própria e fazer logo definitivamente”. De maneira que aprendi isso e a partir daí fiz sempre assim.

Trabalhou o resto da vida sem rascunhos. Sem rascunhos. Aprendi imenso nessa altura.

Qual foi a pessoa que mais a marcou na sua carreira?

Desde logo o Arantes e Oliveira, que foi uma pessoa que me orientou a vida, que arrumou a minha cabeça. Eu tinha tudo misturado na minha cabeça, e ele arrumou, deu-me direcções definidas.

Em que ano pôs de parte a carreira de engenheira?

Não há muitos anos, a minha última obra foi a renovação deste prédio onde vivo desde há 14 anos. Não calcula, chovia no 5.º andar quase como na rua! Do terraço tirei 25 contentores de lixo. Porque tinham feito impermeabilizações sobre impermeabilizações e todas mal feitas. De maneira que eu tive que limpar tudo, ir à laje propriamente dita e fazer aquilo tudo. Ficou estupendo. Foi a minha última obra. Os outros condóminos tiveram uma sorte enorme.

Alguma vez pensou na projecção que teria pelo facto de ser pioneira nesta área?

Não, nunca pensei. Fiz o curso e depois dediquei-me às obras e fui seguindo a vida normalmente. Deixe-me dizer que escolhi muito bem a profissão, gostei imenso. Eu sempre gostei de construir. Estava eu ainda no Liceu, o meu pai tinha um jardim muito grande, com cavalariças e imensos animais, que ele era oficial do Estado-Maior e gostava muito de montar, e lá dentro fiz imensas obras, algumas já em betão.

Acha que hoje em dia se faz boa engenharia?

Acho que melhorou, em todo o caso há muita aldrabice, isso faz parte do homem. Tem que haver fiscalização.

O que é que acha que faz falta para seguir uma profissão desta natureza?

Ser-se revolucionária como eu sou. Ter espírito de aventura. ■